

O New Journalism e sua estrutura: Discussões acerca de parâmetros de análise do Novo Jornalismo¹

Raphaella Gomes de LIMA²

Vitor Pereira de ALMEIDA³

Márcio de Oliveira GUERRA⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, MG

Resumo

O presente trabalho tem como proposta central analisar parâmetros e realizar inferências a respeito do New Journalism e um possível padrão pré-estabelecido nesse gênero jornalístico. A hipótese é que as muitas similaridades das obras do New Journalism geram um padrão nas produções desse gênero. O objeto de estudo é o perfil “Frank Sinatra está resfriado”, de Gay Talese. Parâmetros particulares foram definidos pelos autores em investigações realizadas acerca desse questionamento inicial. O trabalho reconhece a importância do papel do New Journalism na criação de um gênero não literário, mas que se aproxima da literatura como ferramenta para contar a “história da reportagem”. Vários autores fornecem o referencial teórico para a análise do New Journalism e para a gênese dos parâmetros de análise desenvolvidos neste artigo.

Palavras-chave: New Journalism; Jornalismo; Análise.

1. NEW JOURNALISM

O New Journalism é um gênero jornalístico que surgiu em meados da década de 50 nos Estados Unidos da América. Enquanto gênero, o Novo Jornalismo flertava com a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFJF, email: raphaglima07@hotmail.com

³ Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, email: vitoralmeida_cefet@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Doutor na Universidade Federal de Juiz de Fora, email: márcio.guerra@ufjf.edu.br

literatura e foi classificado como “Romance de Não ficção”. Sua principal característica é misturar a narrativa jornalística com a literária.

Em meados dos anos 1950 e início dos anos 1960, jornalistas norte-americanos cansados do velho padrão de escrita das matérias, iniciaram uma nova maneira de fazer o jornalismo. Longe da estrutura clássica jornalística, os autores se aproximavam cada vez mais do que viria se chamar romance literário.

O New Journalism permitia ao jornalista “brincar” com o texto, colocando vários ângulos da reportagem, como dos entrevistados, ou do fato. Diferente da produção jornalística tradicional, onde não pode haver margem para os leitores terem dúvidas, com matérias diretas, onde informam somente o fato em si. É caracterizado pelo uso de técnicas da literatura na forma de colher material, na redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos. O texto oferecia ao leitor um leque de possibilidades, incluindo a de fantasiar e se inserir na cena que foi descrita.

A influência que a literatura de ficção europeia do século XIX exerce sobre o New Journalism é verificada especialmente na forma com que o material é coletado. A escola do realismo social caracterizou-se pelas longas e detalhadas pesquisas de campo que os escritores faziam antes de escrever (CZARNOBAI, 2003, pp. 24).

No New Journalism, há a possibilidade do escritor tornar o fato ocorrido mais atraente aos olhos dos leitores. A narração, que geralmente, é em terceira pessoa faz com que quem está lendo também experimente sensações e, até mesmo, se identifique com algum personagem.

O que caracteriza o New Journalism é uma atitude crítica em relação aos modelos do que ele (Wolfe) chama de “jornalismo totem”. Crítica que encontra sua expressão no experimento estético, carregando o texto jornalístico de referencialidade num movimento oposto ao investimento no conteúdo. A forma do discurso é tratada como artifício e, em nenhum momento se constrói nada que encuba esse estatuto. Isso faz com que a discursividade do New Journalism seja uma desconstrução exemplar da objetividade jornalística (PONTES E BEZERRA apud DEMETRIO, 2015, p. 3).

Existe detalhamento maior de cenas, além de uma descrição do clima e da emoção no momento do acontecimento. Tudo isso serve para corroborar com o que está sendo descrito. A descrição é usada e abusada como forma de recurso literário da escrita jornalística. O jornalista e escritor Gianni Carta destaca que no caso do Novo Jornalismo o texto permite, também, que a opinião de quem o escreve esteja presente.

O novo jornalismo é uma tentativa de busca da realidade, sem deixar de lado as impressões de quem escreve. O escriba, nesse contexto, pode optar pela imparcialidade – e pode, quando julgar apropriado, opinar sobre um determinado assunto. Ou seja, escrever na primeira pessoa não é (ou não deveria ser) um ato de vaidade: é, muitas vezes, a única maneira de escrever para escapar das garras do

jornalismo que não toma partido e, talvez ainda mais importante, o melhor atalho para se soltar (CARTA, 2003, pp. 13).

O jornalismo não é, e nem pode ser, considerado imparcial. Nas palavras de Gianni, “o jornalismo imparcial não existe por um simples motivo: não se trata de uma ciência” (CARTA, 2003, pp. 13).

Este trabalho vem indagar se existe um padrão nas obras do New Journalism. Para a pesquisa inicial os autores utilizaram a hipótese de que as muitas similaridades das obras do New Journalism geram um padrão nas produções desse gênero jornalístico. Essa hipótese veio a se confirmar após intensas pesquisas nas produções da área. Essas pesquisas possibilitaram a gênese dos parâmetros pormenorizados no item 4. E, além disso, analisar parâmetros e realizar inferências a respeito do New Journalism no objeto de estudo “Frank Sinatra está resfriado”, perfil feito pelo autor Gay Talese.

2. Principais Autores

Apesar de não conseguir definir um “criador” para o estilo de escrita do Novo Jornalismo, muitos autores se destacam na área. Desde antes dos anos 20, quando não existia uma corrente de jornalismo literário, alguns escritores por opção preferiam a técnica narrativa, porém, como Edvaldo Pereira Lima destaca em seu site, não havia espaço para matérias com mais profundidade, ou até mesmo, perfis de celebridades.

Na maioria das vezes, eram produções direcionadas ao livro-reportagem, já que pouco espaço havia na mídia periódica para a inserção de matérias tão extensas e elaboradas.

O panorama começa a mudar, ganhando um contorno de "escola", a partir dos anos 1920 e 1930, quando a revista norte-americana "The New Yorker" passa a produzir um tipo de matéria jornalística que ganha melhor feitura quando é elaborada no estilo do Jornalismo Literário: o perfil.

Entram por essa linha jornalistas que conquistam prestígio escrevendo essas reportagens que retratam com vigor e alcance figuras públicas ou anônimas. Nos anos 1940, já se pode dizer que está formatada essa modalidade de prática jornalística, pelo menos no caso norte-americano, pela presença de um número crescente de jornalistas que se mantêm fiéis à proposta (LIMA - LIMA, Edvaldo Pereira. Registros breves para uma história futura do Jornalismo Literário. Memória Portal ABL).

Em 1946, o escritor e jornalista norte-americano John Hersey, enviou uma reportagem especial para a revista The New Yorker, logo após a Segunda Guerra Mundial. John fez a cobertura da Guerra e, a pedido do próprio dono da revista The New Yorker, Harold Ross, escreveu sobre a bomba que destruiu a cidade de Hiroshima, no Japão.

Intitulada Hiroshima, a reportagem foi considerada uma das principais da história do jornalismo e conta como a bomba atômica matou mais de 100 mil pessoas, e deixou outras tantas feridas através da perspectiva de seis sobreviventes. A matéria fez tanto sucesso, que vendeu 300 mil cópias pouco tempo depois do lançamento. Eduardo Ritter cita em seu artigo: “Do país todo e do estrangeiro chegavam à redação pedidos de autorização para a reimpressão da matéria” (RITTER apud SUZUKI JR., pp. 5). Mais tarde, a reportagem virou um livro-reportagem.

Hiroshima é considerada por muitos a mais importante reportagem do século XX e, com certeza, nenhuma outra teve a sua repercussão. Os 300 mil exemplares da revista esgotaram-se rapidamente e, depois, cópias do texto chegaram a ser vendidas por muitas vezes o preço de capa do exemplar. Os direitos de reimpressão no país e no exterior foram doados pela revista para a Cruz Vermelha. As cadeias de rádio ABC, nos Estados Unidos, e BBC, na Inglaterra, puseram atores no ar lendo a reportagem que, logo depois, foi editada em formato de livro (BRASIL apud TALESE, 2003, pp. 30).

Surgem nomes como Lillian Ross, que escreveu perfis de pessoas como Hemingway no New York Times em 1950. Além de Lillian, Joseph Mitchell, A. J. Liebling, James Agee e o próprio Ernest Hemingway escreveram matérias muito próximas ao estilo do novo jornalismo.

Os anos 60 podem ser considerados o ápice do New Journalism. Vários escritores começaram a usar as técnicas de escrita do estilo. Dentre eles se destacam Dick Schaap colunista do Harold Tribune, Charles Portis, que se demitiu do posto de correspondente da redação do Herald Tribune, em Londres, para viver o sonho de ser um escritor de romance, alcançando o sucesso com livro *True Girl*, que foi um best-seller com boas críticas e posteriormente teve vendido os direitos autorais para o cinema. O também jornalista-escritor Jimmy Breslin ganhou uma coluna no Herald Tribune, após chamar a atenção do editor Jock Whitney com seu livro *Can't anybody here play this game?*⁴, sobre o time de baseball de Nova Iorque. Tom Wolfe discorre em seu livro sobre Breslin:

O Herald Tribune contratou Breslin para fazer uma coluna local ‘divertida’, que ajudasse a compensar um pouco o peso da página editorial, paralisando vendedores de roncões como Walter Lippmann e Joseph Alsop (WOLFE, 2005, pp. 23).

3. Novo Jornalismo no Brasil

No Brasil, o jornalista e engenheiro militar Euclides da Cunha foi enviado para cobrir a guerra de Canudos, no nordeste do país, a fim de entender toda a revolta dos sertanejos do

⁴ Será que ninguém aqui sabe jogar esse jogo? (WOLFE, 2005, pp. 23)

nordeste com o sul do Brasil. Euclides foi o primeiro a compreender o motivo da revolta que assombrou a elite brasileira. O jornalista escreve uma série de reportagens para o jornal *Estado de S. Paulo*, a respeito da desigualdade do Brasil e da condição precária em que vivam as pessoas do campo. Em 1902, a reportagem é transformada em livro nomeado *Os sertões*. O trabalho do jornalista-escritor pode ser considerado o primeiro do gênero do Novo Jornalismo no Brasil, pois se destaca das demais coberturas apresentadas por outros jornais.

Uma obra contundente, que destruíra o sonho brasileiro da República e da civilização branca europeizada, nascida de uma reportagem sobre a Guerra de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Euclides da Cunha foi cobrir o evento, em 1897, como enviado de guerra (BRASIL, 2003, pp. 33-34).

Nos anos 1940, a revista *O Cruzeiro*, criada em 1928, começou a diversificar o estilo de escrita e seu conteúdo, além também da mudança gráfica. Contava com um time de jornalistas e escritores que marcaram época na literatura brasileira tais como, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Lúcio Cardoso, Rachel de Queiroz, Alex Viány, Franklin de Oliveira, Joel Silveira, Gilberto Freyre e José Lins do Rego (BRASIL, 2003, pp. 47).

Em 1938, surge a revista *Diretrizes*, que continha o mesmo viés de escrita da revista *O Cruzeiro*. Uma de suas matérias que mais repercutiu junto aos leitores foi a de Joel Silveira, sobre a elite paulistana, intitulada *Grã-finos em São Paulo*. É resultado de ricas descrições sobre o ambiente, amplas entrevistas e pesquisa de imersão na classe mais abastada da capital metropolitana de São Paulo. Além destas duas revistas, alguns jornais da época chegaram a publicar matérias investigativas como *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã* e também *O Globo*.

Porém foi só em 1966, com a criação da revista *Realidade*, que o New Journalism foi de fato implementado no Brasil. A revista foi lançada pela Editora Abril em São Paulo, no início do período do Regime Militar, quando a imprensa ainda não sofria tanta censura.

A revista era mensal o que dava maior liberdade aos jornalistas e mais tempo para pesquisar mais sobre cada assunto nas matérias. O jornalista podia fazer experiências com o texto, esmiuçar o objeto tema de sua reportagem, misturar sua experiência pessoal com o assunto abordado. Sempre prezando por relatos reais.

Quais as fontes dessa experiência jornalística? Uma delas foi certamente a conjuntura político-cultural do período do surgimento da revista e de seus três primeiros anos de existência. Outra dessas fontes é a que diz respeito ao código discursivo inovador de que os profissionais da revista lançaram mão para produzir suas matérias, tenha ou não esse código sido influenciado pelo *new journalism*, isto é, as indicações aparentemente *técnicas* de elaboração da reportagem procedentes do jornalismo norte-americano (BRASIL apud FARO, 2003, pp. 48).

Logo a revista se tornou um sucesso de vendas, principalmente entre os adolescentes, jovens universitários e jovens adultos. Uma vez que abordava temas considerados tabus na sociedade, tais como sexualidade, liberação feminina, movimento estudantil, política, homossexualidade, Igreja Católica e a mudança nos seus padrões conservadores, revoluções em outros países, etc. O suplemento dominical virou sucesso de vendas. A circulação da revista era de meio milhão de exemplares vendidos em banca, chegando a ter três edições esgotadas.

Sua edição número 10 foi censurada em 1967, a pedido de um cardeal por conter uma foto de um bebê nascendo à luz de velas que foi considerada chocante. Roberto Civita destaca também que o tema central da edição era dedicado à mulher.

Era uma edição dedicada à nova mulher e havia matérias como “Sou Mãe Solteira e me Orgulho disso” e uma pesquisa com mil mulheres de norte a sul do país que mostrava que 30 a 40 por cento das entrevistadas tinham feito aborto. Foi acusado de ser um libelo contra a honra da mulher brasileira (BRASIL apud FARO, 2003, pp. 54).

Depois que teve sua edição censurada, a revista começou a se autocensurar o que foi determinante para o seu fim. Além disso, outros fatores também contribuíram como a reprodução do modelo da revista por outros periódicos. A aceleração da notícia também foi considerada um fator decisivo para decretar seu fim, pois os leitores queriam saber mais sobre diversos assuntos em menos tempo e com o avanço da TV, e outras revistas semanais ficou ainda mais difícil competir no mercado.

Após essas discussões, os autores passam a discutir sobre as indagações do trabalho; existe ou não um padrão nas obras e produções do New Journalism? Para a pesquisa inicial os autores utilizaram a hipótese de que as muitas similaridades das obras do New Journalism geraram um padrão nas produções desse gênero jornalístico. Essa hipótese veio a se confirmar após intensas pesquisas nas produções da área. Essas pesquisas possibilitaram a gênese dos parâmetros pormenorizados no item 4 abaixo.

4. Parâmetros de análises do New Journalism

Após a apresentação dos conceitos sobre o New Journalism, principais autores e o movimento no Brasil, passamos agora aos parâmetros de análises. Destaca-se que esses parâmetros foram definidos após pesquisas e observações dos autores do presente artigo. A compilação visa servir para análises universais de texto/publicações/produções do New Journalism em sua generalidade.

4.1 Inexistência de deadline

A inexistência de deadline é um dos principais parâmetros do New Journalism. Enquanto no jornalismo se preza pela rapidez das notícias, o New Journalism preza pela produção de um material de qualidade. O jornalista-escritor deixa de estar preso ao tempo de produção e passa a oferecer ao leitor uma produção feita sem pressa.

4.2 Linguagem clara (beirando o coloquial)

A linguagem clara e objetiva é utilizada pelo New Journalism. As produções são feitas se baseando na linguagem clara e de fácil compreensão para o público leitor.

4.3 Narrativa em primeira pessoa

O jornalista-escritor participa da notícia e da produção dela e deixa isso claro ao público leitor.

4.4 Opinião

A opinião se faz presente na produção. Na reconstrução da notícia, o jornalista-escritor participa da ação e emite opinião ao público leitor.

4.5 Reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem)

A reconstrução da história se dá passo a passo para a construção da narrativa. Em todo momento o jornalista-escritor se preocupa em criar uma “linha” que esclarece ao público leitor os fatos de forma clara.

4.6 Recusa à objetividade

A recusa à objetividade é presente em todas as obras do New Journalism; inclusive sendo um dos parâmetros que motivou a criação desse estilo de escrita.

4.7 Registro de diálogos completos

O registro de diálogos completos se dá, também, devido ao espaço que o New Journalism cede aos jornalistas-escritores em virtude do jornalismo convencional.

5 O perfil “Frank Sinatra está resfriado”

Após essas discussões tornou-se possível a análise do perfil de Frank Sinatra feito por Gay Talese, “Frank Sinatra está resfriado”.

Esse perfil de Frank Sinatra feito por Gay Talese se tornou um dos mais importantes textos do New Journalism. Durante seis semanas, Talese acompanhou Sinatra em seus deslocamentos pelo país. Porém, nunca conseguiu entrevistá-lo. Assim, Gay Talese decidiu entrevistar pessoas próximas a Frank Sinatra e construir um perfil sobre o cantor. O resultado foi um artigo, publicado em abril de 1966, chamado “Frank Sinatra está resfriado”.

Esse perfil é tido como um dos melhores perfis do artista e virou um modelo do New Journalism. Até hoje, nas entrevistas que Talese concede, perguntas sobre o tal artigo são inevitáveis. Em 2003, quando a revista completou 70 anos, o artigo de Gay Talese foi escolhido como “a melhor história publicada pela Esquire”.

- Inexistência de deadline

Em “Frank Sinatra está resfriado”, nota-se que a inexistência de deadline está presente. Gay Talese levou, inclusive, seis semanas para produzir a obra; o prazo inicial dado pela editora foi estendido. Nunca existiu o “frenesi” por não se tratar de uma notícia. Em 1965, a revista Esquire contratou Talese para escrever seis matérias ao longo do ano seguinte. Os temas das matérias seriam de escolha do jornalista ou da editoria. A primeira sugestão da revista foi um perfil de Frank Sinatra. Talese rejeitou. A revista insistiu. Segundo Harold Hayes, o editor da revista, uma entrevista com Sinatra já estava acertada. Conformado, Talese viajou para Los Angeles, para o encontro e a entrevista com Sinatra – que acabou nunca acontecendo.

- Linguagem clara (beirando o coloquial)

No perfil “Frank Sinatra está resfriado”, Talese utiliza um linguajar claro para apresentar a história de Frank Sinatra. O jornalista-escritor utilizou algumas expressões em italiano.

- Narrativa em primeira pessoa

Em “Frank Sinatra está resfriado”, Gay Talese participa da notícia e deixa isso claro ao público. O jornalista-escritor não utiliza o recurso da primeira pessoa gramatical do singular (eu) ou do plural (nós) com número expressivo de vezes; ele faz uso de outras marcações para estar presente na trama.

“Testemunhei algo desse lado siciliano de Sinatra no verão passado no Jilly’s, em Nova Iorque, aliás a única vez em que vi Sinatra de perto antes daquela noite no clube da Califórnia [...]”

- Opinião

Em “Frank Sinatra está resfriado”, o jornalista-escritor utiliza esse recurso para compor a imagem dos cenários, pessoas-personagens e, até mesmo, construir o clima do perfil que ele quer descrever. A opinião muitas vezes ajuda na construção de ironias e outros recursos presentes na obra.

“É o siciliano que fala em Sinatra. Aos amigos que querem permanecer amigos, não permite nenhuma das fáceis saídas anglo-saxônicas. Mas quando permanecem leais, não há nada que não faça por eles – presentes fabulosos, gestos pessoais de bondade, incentivo quando estão em má situação, bajulação quando estão nas alturas. Não devem esquecer uma coisa porém. Ele é Sinatra. O chefe. Il Padrone. Ou melhor, é o que na Sicília tradicional se chama uomo rispettato – um homem de respeito – pessoa ao mesmo tempo solene e humilde, amada por todos e generosa por natureza, cujas mãos são beijadas quando viaja de aldeia em aldeia, e que se abalaria pessoalmente para corrigir uma injustiça.”

- Reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem)

Em “Frank Sinatra está resfriado” o jornalista escritor constrói a narrativa do perfil. Percebe-se, claramente, a construção de uma trama do perfil a fim de que o leitor não se perca na construção da imagem de Sinatra.

- Recusa à objetividade

Em “Frank Sinatra está resfriado”, Talese utiliza essa recusa à objetividade ao construir um perfil inteiro sem entrevistar a própria pessoa da qual está se contando a história de vida; não recorrendo assim aos moldes da forma “comum” de produção de um perfil.

- Registro de diálogos completos

Gay Talese, ao longo da construção do perfil, conversou com diversas pessoas; tendo cedido bastante espaço ao diálogo que teve com essas pessoas. O jornalista-escritor presa pelos diálogos no perfil a fim de construir uma imagem completa para o leitor gozar dos pormenores da vida de Sinatra.

6 Considerações Finais

Nesse trabalho foram apresentados os principais fatos constituintes do New Journalism; desde sua história até os principais autores, passando pelo New Journalism no Brasil. Com tudo esclarecido, os autores passaram, então, a definir os parâmetros desenvolvidos para analisar o perfil “Frank Sinatra está resfriado”. Esse artigo é um primeiro contato com o tema que ainda será objeto de trabalho de conclusão de curso de um dos autores.

Através do trabalho, os autores indagaram sobre a existência de um padrão nas obras do New Journalism. Para a pesquisa inicial os autores saíram da hipótese de que as muitas similaridades das obras do New Journalism geram um padrão nas produções desse gênero jornalístico. Essa hipótese veio a se confirmar após intensas pesquisas nas produções da área.

Os autores definiram como parâmetros de análises os termos: Inexistência de deadline, Linguagem clara (beirando o coloquial), Narrativa em primeira pessoa, Opinião,

Reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem), Recusa à objetividade e Registro de diálogos completos. Com esses parâmetros se torna possível a realização de inferências acerca da forma e da qualidade das produções do New Journalism, incluindo o objeto de análise desse artigo. Sobre o perfil, destaca-se que ele apresenta todos os parâmetros acima citados sendo um texto que representa o padrão do gênero New Journalism.

Referências

BRASIL. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social. **New Journalism: a reportagem como criação literária**. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003.

CARTA, Gianni. **Velho novo jornalismo**. São Paulo: Códex, 2003.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo – O Filho Bastardo do New Journalism. Monografia** de Graduação. UFRGS, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Registros breves para uma história futura do Jornalismo Literário**. Memória Portal ABJL. S/D. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/152-registros-breves-para-uma-historia-futura-do-jornalismo-literario>>. Acesso em: 08/05/2016.

PONTES, Diogo de Mendonça; BEZERRA, Ada Kesea Guedes. **A Notícia Pode Ser Você: do New Journalism ao Sensacionalismo**. Anais do 17º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Natal, 2015.

RITTER, Eduardo. **John Hersey e os predecessores do New Journalism**. Artigo. UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-7/john-hersey-e-os-predecessores-do-new-journalism>>. Acesso em: 08/05/2016.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.